Jesus Cristo: esperança jubilar dos pequenos e dos pobres (Lc 4,16-30)

Jesus Christ: jubilee hope for the little ones and the poor (Lk 4.16-30)

Maria de Lourdes Augusta[1]

Submetido em 05/12/2025
Aceito em 27/02/2026

RESUMO

Este artigo se insere no contexto do Jubileu da Encarnação 2025, convocado pelo Papa Francisco com a Bula Spes non confundit (Rm 5,5), convidando-nos a ser "Peregrinos de Esperança". A sociedade pós-moderna atravessa uma crise de valores e a vida cristã se propõe a nos oferecer esse tempo de graça (kairós) para uma transformação. A partir da tradição neotestamentária, nosso foco se concentra na catequese lucana: Jesus de Nazaré se desponta como esperança jubilar dos pequenos e dos pobres (Lc 4,16-30). A análise da proposta compreende cinco tópicos: a esperança cristã - mensagem central do Ano Santo Jubilar; Jesus, Palavra Viva e suas Peregrinações no Evangelho de Lucas; a proclamação do "Ano da Graça do Senhor" na Sinagoga de Nazaré e a mensagem de salvação aos estrangeiros; por fim, a proposta de um Encontro vivo e pessoal com Jesus, nas fontes da fé e da esperança. Os resultados da pesquisa mostram que os primeiros destinatários da missão libertadora de Jesus são os pequenos e os pobres, mas todos são incluídos na oferta de salvação. Conclui-se que a opção preferencial de Jesus pelos pobres nunca diz respeito a um exclusivismo em relação a outros grupos, mas pretende sublinhar o agir misericordioso de Deus. Somente a experiência do verdadeiro amor de uma vida doada como a de Jesus pode sustentar a esperança no coração humano. Jesus Cristo é a "esperança jubilar" não só dos pequenos e dos pobres, mas de toda a humanidade!

Palavras-chave: Jesus de Nazaré, Jubileu da Encarnação, esperança cristã, opção pelos pobres.

ABSTRACT

This article is inserted in the context of the Jubilee of the Incarnation 2025, summoned by Pope Francis in the Bula Spes non confundit (Romans 5,5), inviting us to be "Pilgrims of hope". The postmodern society is passing through a crisis of values and the Christian life offers us this time of grace (kairós) for a transformation. From the New Testament tradition, our focus concentrates on Luke's catechism: Jesus of Nazareth emerges as jubilee hope for the Little ones and the poor (Lk 4.16-30). The analysis of the proposal consists in five topics: the Christian hope - central message of

[1] Mestre em Teologia pela FAJE. Professora no Instituto Teológico São José – Seminário de Mariana, Mariana, Brasil. E-mail: augustamariadelourdes@gmail.com.

the Jubilee year; Jesus, Living Word and his Pilgrimages in the Gospel of Luke; the proclamation of the "Year of the grace of the Lord" in the Synagogue of Nazareth and the message of salvation for foreigners; lastly, the proposal for a living and personnel encounter with Jesus, in the fountains of faith and hope. The results of a research show that the first recipients of the liberation mission of Jesus are the Little ones and the poor, but, all are included in the offering of salvation. It is concluded that the preferential option of Jesus never excludes other groups, but wants to emphasize the mercy of God. Only the experience of a true love in a life donated as Jesus did, can sustain the hope of the human heart. Jesus Christ is the "Jubilee hope" nor only for the Little ones and the poor, but for all of humanity!

Keywords: Jesus of Nazareth, Jubilee of the Incarnation, Christian hope, option for the poor.

1 Introdução[2]

Em tempos marcados por profundos contrastes entre os mais altos níveis de avanços científicos e tecnológicos de um lado, e, os milhares de milhões de irmãos vítimas das guerras, da pobreza e da fome, Francisco (Papa) ousou falar de esperança, mas não de qualquer esperança, e sim "daquela que nasce da cruz, do limite, do fracasso aparente, e ali floresce, como semente que morre para dar fruto" (Francisco, 2025, p. 9). Para celebrar o Jubileu Ordinário do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, o Jubileu da Encarnação, o Papa Francisco convocou o Ano Santo Jubilar com a temática de "Peregrinos de Esperança".

Diante do contexto da pós-modernidade, com suas desigualdades e incertezas, interrogamo-nos a respeito das possibilidades de encontrarmos fundamentos sólidos para continuar vivendo com sentido e esperança, e, contribuir positivamente para a vida dos mais pobres. A fé e a esperança cristã são, continuamente, interpeladas a dizerem algo a este mundo cheio de dores e sofrimentos. Busca-se, em profundidade, o verdadeiro sentido da esperança cristã.

A resposta a tais indagações será buscada na pessoa de Jesus Cristo – Filho de Deus – Palavra Viva que continua anunciando o Reino de Deus em cada página do Evangelho. Nessa busca, o evangelista Lucas tornar-se-á companheiro de viagem que nos apresenta, em seu evangelho, diversas peregrinações realizadas pelo Divino Mestre. A cada passo, somos exortados a tornarmo-nos "peregrinos" e "peregrinas" que caminham à procura de Jesus, e, no encontro com ele experimentar a presença amorosa de Deus.

A "proclamação do Ano de Graça do Senhor", por Jesus em sua visita à sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30)[3] torna-se essencial para a redescoberta do sentido da vida e da esperança cristã, sobretudo para a vida dos mais pequenos e mais pobres. Jesus proclama o Ano Jubilar: ano de graça e de esperança; de amor e redenção; de luz e salvação! A oferta de salvação é para *todos* e se atualiza no *hoje* de qualquer realidade, tendo como destinatários primeiros os pequenos e pobres.

Como discípulos e discípulas do Divino Mestre, somos convidados(as) a colocar nossos pés nos passos de Jesus e caminhar com ele até às fontes da fé e da esperança

2 Este texto foi apresentado no 3º Colóquio do Grupo de Pesquisa: A Bíblia em Leitura Cristã, da FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – Belo Horizonte), por ocasião do Jubileu da Esperança (22/10/2025).

3 A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2012.

para tomarmos o alimento restaurador que sacia a alma e fortalece o espírito. E nesta "peregrinação exterior", envolvida por silêncio e poesia, realizar uma "peregrinação interior", profunda e fecundante, que possibilite um encontro vivo e pessoal com Jesus.

2 Esperança cristã: mensagem central do Ano Santo Jubilar

Esperança é a mensagem central do Ano Santo Jubilar, proclamado pelo saudoso Papa Francisco com o intuito de tornar-se, para todos, um momento de encontro vivo e pessoal com o Senhor Jesus, "porta" de salvação (Jo 10,7.9). Jesus Cristo é a "nossa esperança" (1Tm1,1): esperança da humanidade, esperança dos pequenos e dos pobres!

Ao proclamar o Ano Santo Jubilar, o Papa Francisco nos recordava que a esperança está presente no coração de cada pessoa como desejo e expectativa do bem, mesmo quando desconhecemos o amanhã e a imprevisibilidade do futuro faça surgir sentimentos contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida (Francisco, *Spes non confundit*, n. 1).

No atual contexto da pós-modernidade, constatamos realidades contrastantes: de um lado, a humanidade goza de avanços científicos e tecnológicos jamais alcançados; por outro lado, milhões e milhões de irmãos morrem vítimas das guerras, da pobreza, da fome. Vivemos tempos marcados por tantas incertezas, pandemias, guerras, conflitos, divisões, injustiças, desigualdades, dores e sofrimentos. Há ricos avarentos que esbanjam os bens reais da vida, enquanto pobres e mais pobres se amontoam nas ruas, nas calçadas.

Esse trágico contraste de nosso mundo atual é denunciado no evangelho, por exemplo, na parábola do homem rico e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31). Enquanto o rico usa "vestes finas e elegantes" e só pensa em banquetes suntuosos todos os dias, o pobre Lázaro tem o corpo coberto de feridas repugnantes e anseia pelas migalhas que caem da mesa do rico, para saciar sua fome. Mas, ele não tem ninguém que o socorra; somente os cachorros se aproximam para lamber-lhe as feridas. Por incrível que pareça, essa parábola de Jesus desmascara e denuncia a sociedade atual: o abismo entre ricos e pobres; o esbanjamento de uns frente à miséria de outros.

Existe, também, um consenso de que a humanidade atravessa uma crise de valores, marcada pela substituição de valores tradicionais (como respeito, honestidade e solidariedade) por outros, tais como o individualismo, o materialismo e a busca por status. Isso se manifesta em transformações nas relações interpessoais que afetam a estrutura familiar e a sociedade em geral. Porém, muitas propostas superficiais não satisfazem o desejo mais profundo do ser humano.

Tal realidade interpela sempre a fé cristã a buscar novas perspectivas para continuar a dar sentido à existência humana: há sinais de esperança para este mundo em crise? Nesse Ano Jubilar, de modo especial, somos chamados a tornar-nos "peregrinos de esperança": pessoas que se dispõem a caminhar buscando o sentido mais profundo da existência e bebendo da fonte da Palavra que sacia nossa sede de paz ao propiciar a comunhão com Deus, pela fé em Jesus Cristo (Rm 5,1-2). A esperança cristã não é uma esperança qualquer, mas é aquela que nasce do amor e funda-se no amor que brota do Coração de Cristo trespassado na Cruz.

> O seu coração aberto precede-nos e espera-nos incondicionalmente, sem exigir qualquer pré-requisito para nos amar e oferecer a sua amizade: Ele amou-nos primeiro (cf. 1Jo 4,10). Graças a Jesus, conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele (cf. 1Jo 4,16) (Francisco, *Dilexit-nos,* n.1) .

Como nos lembra o apóstolo Paulo "a esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5,5).

De fato, é o Espírito Santo que, como brisa suave e perene em meio às fortes tempestades de nosso tempo, continua conduzindo o Povo de Deus no caminho da Igreja ao encontro de Jesus. Com efeito, a esperança cristã não engana nem desilude, porque está fundada na certeza de que nada e ninguém poderá jamais separar-nos do amor divino. Portanto, nada devemos temer, pois nenhum sofrimento é maior do que a esperança a que somos chamados (Rm 8,18). O motivo último de nossa esperança é o amor do Pai que se reflete na vida e na obra de Jesus Cristo.

A vida cristã é um *caminho* que precisa de momentos fortes para nutrir a esperança, companheira insubstituível que nos permite vislumbrar a meta: o encontro com o Senhor Jesus. No caminhar histórico da Igreja, observa-se um percurso de graça animando a espiritualidade popular, desde o primeiro Jubileu em 1300, convocado pelo Papa Bonifácio VIII. No último Jubileu Ordinário, celebrou-se os dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo. Em 2015, tivemos o Jubileu Extraordinário da Misericórdia permitindo-nos encontrar o "Rosto misericordioso de Deus", anúncio central do Evangelho. O Jubileu da Encarnação 2025 nos convida a abraçar esse tempo de graça (*kairós*) (Taylor, 2000, p. 107) como peregrinação de esperança: uma jornada interior de transformação e uma jornada exterior de amorização das nossas relações conosco mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus. O que sacia e satisfaz o ser humano não é o muito saber, mas o sentir e saborear as coisas internamente (Santo Inácio). É momento de discernir novos apelos do Espírito e saborear a presença fraterna com Jesus.

> Precisamente para partilhar os limites e as fraquezas da nossa natureza humana, Ele mesmo se fez pobre, nasceu segundo a carne como nós e reconhecemo-lo na pequenez de uma criança recostada numa manjedoura e na extrema humilhação da cruz, onde partilhou a nossa radical pobreza, que é a morte (Leão XIV, *Dilexit Te*, n. 16).

Celebrar o Jubileu da Encarnação é recordar que Deus Filho, Jesus de Nazaré, assume a encarnação em profunda liberdade (Fl 2,6-8). Ele não se apega à sua igualdade com Deus, mas esvazia-se, torna-se servo, semelhante aos homens, humilha-se e faz-se obediente até a morte de cruz. Jesus desce ao mais profundo poço da condição humana. Ele arma sua tenda em nossa história (Jo 1,14) e a todos oferece a plenitude da vida (Jo 10,10) (Augusta, 2014, p. 145). A "Porta Santa" se abre para oferecer-nos a experiência viva do amor de Deus, que desperta no coração a esperança segura da salvação em Cristo, única Porta de Salvação. Ao mesmo tempo, este Ano Santo está orientando o caminho rumo a outra data fundamental para todos os cristãos:

> De fato, em 2033, celebrar-se-ão os dois mil anos da Redenção, realizada por meio da paixão, morte e ressurreição do Senhor Jesus. Abre-se, assim, diante de nós um percurso marcado por grandes etapas, nas quais a graça de Deus precede e acompanha o povo que caminha zeloso na fé, diligente na caridade e perseverante na esperança (cf. 1Ts 1,3) (Francisco, *Spes non confundit*, n. 6).

Abertos à esperança que brota quando o coração se coloca na presença amorosa de Deus Pai, e, sensíveis ao sopro do Espírito que sopra onde quer, aproximemo-nos, como peregrinos confiantes, de Jesus, Palavra Viva que fala, acolhe, cura e consola fazendo-nos reencontrar o sentido mais profundo da vida – vida que se abre à eternidade.

3 Jesus, Palavra Viva e a peregrinação no Evangelho de Lucas

No evento jubilar, a *peregrinação* não pode ser um turismo religioso. Ao contrário, ela representa um elemento fundamental: "Pôr-se a caminho é típico de quem anda à procura do sentido da vida. A peregrinação a pé favorece muito a redescoberta do valor do silêncio, do esforço, da essencialidade" (Francisco, *Spes non confundit*, n. 5). Parece ser possível afirmar que há uma estreita relação entre a peregrinação exterior e uma peregrinação interior. A peregrinação exterior ou física favorece a saída de nós mesmos para "ver" a realidade que nos cerca, primeiro passo para descobrir e desenvolver a capacidade mais elevada de "ver", isto é, admirar, apreciar, contemplar o que é belo e bom. É ainda ultrapassar as aparências e captar o essencial. *Ver* é contemplar! A contemplação dos mistérios da vida de Jesus é experiência que humaniza e transforma nosso modo de pensar e agir. A peregrinação exterior contribui para a peregrinação interior que ocorre dentro de nós mesmos.

A peregrinação interior, por sua vez, exige silenciar os ruídos externos e internos do nosso ser, aquietando a mente e percebendo o silêncio interior. E nesse silêncio, disponibilizar-se para a escuta (*akoé*) (Taylor, 2000, p. 14-15) mais profunda que nos possibilita o autoconhecimento, o qual envolve reflexão, aprendizado e busca por um propósito que nos conduz à transformação pessoal e à busca por maior conexão espiritual. Por outro lado, esse processo de "escavar" as profundezas do próprio ser permite também o desenvolvimento de uma sensibilidade capaz de perceber o nosso chamado, enquanto cristãos, a uma atuação profética e libertadora no meio em que vivemos. A escuta (*akoé*) verdadeira nos dispõe para a obediência (*hypakoé*), ou seja, a submissão livre do homem a Deus que se lhe revela fiel e veraz. Portanto, a peregrinação exterior e a peregrinação interior se complementam.

Nesse peregrinar, escolhemos como companheiro de viagem o evangelista Lucas: um homem de personalidade cativante, um escritor de grande talento e alma delicada, mas, sobretudo um homem de fé, um historiador sagrado que escreve um evangelho a partir da tradição para que o discípulo possa assegurar-se de sua fé. Seu texto impulsiona o leitor a percorrer o maravilhoso caminho que ele descobriu e encontrar-se não com uma doutrina ou um mito, mas com a pessoa de Jesus de Nazaré, e, neste encontro, descobrir o agir de Deus. No evangelho de Lucas, Jesus realiza várias peregrinações.

Assim, de acordo com sua proposta de oferecer ao leitor um relato ordenado e fiel dos acontecimentos (Lc 1,1-4), Lucas testemunha a *entrada* do Messias na história humana com o relato da infância (Lc 1,5 – 2,51). Maria com seu "Sim" assume a encarnação de Jesus no seu coração. A encarnação de Jesus sustenta a alegria jubilar no coração da humanidade! Ainda no ventre materno, Jesus *peregrina* pela região montanhosa nos passos apressados de sua Mãe (Lc 1,39-45), pois o amor tem pressa para servir. Jesus inicia sua vida como um pequeno peregrino de amor. Maria é o primeiro Evangelho Vivo!

No *Magnificat* a missão de Maria encontra graça aos olhos de Deus! Assim, como Jesus, Maria faz uma opção pelos que estão fora, os que têm sido escravizados, perseguidos, martirizados e mortos pelo ódio do sistema deste mundo. Com Maria, em seu *Magnificat*, está toda a humanidade, humilhada e sofrida, que se une a ela para uma escuta atenta ao agir de Deus nas pessoas. O cântico contrapõe novos valores às falsas situações humanas. Ser discípulo ou discípula de Jesus, do jeito de Maria é uma constante busca de oração, silêncio, contemplação e encantamento com o Projeto de Deus.

Também o nascimento de Jesus (Lc 2,1-7) foi precedido por longa *caminhada,* uma "peregrinação forçada" pelo decreto imperial obrigando Maria e José ao recenseamento. Lucas, porém, mostra que até o domínio universal de César Augusto está subordinado ao projeto divino. E Maria dá à luz ao seu Filho do outro lado, do lado de fora da

sociedade de seu tempo, pois não havia lugar para os pobres. Desde o primeiro instante de sua vida, Jesus, o Messias, se identifica e se solidariza com os pobres. Na Gruta de Belém, o céu encontra-se com a terra! O Divino se faz humano, pobre e irmão dos últimos da sociedade.

Ao *peregrinarem* até Jerusalém para Jesus ser apresentado no Templo (Lc 2,22-40), Maria e José encontram duas pessoas abençoadas – Simeão e Ana. A família de Nazaré é, então, abraçada e *ungida* para sua nova missão em Nazaré. Jesus vai crescer na espiritualidade nazarena e se tornará um *sinal de contradição* – um profeta dos novos tempos. Ele será chamado Nazareno! Jesus nasceu para nos mostrar a humanização da verdade e do amor. É José, seu pai, que vai acompanhá-lo nesse processo. Maria vai evangelizar Jesus para que o coração dele seja sincronizado com o do Pai. Maria é ungida – *uma espada atravessará sua alma* - para se tornar uma presença da providência de amor a fim de aliviar a dor e os sofrimentos dos mais pobres e esquecidos.

Ainda no final da narrativa da infância de Jesus, ou melhor, na sua passagem para a adolescência/juventude, Lucas relata a *peregrinação* da família de Nazaré a Jerusalém, aonde "iam todos os anos para a festa da Páscoa" (Lc 2,41-52). As primeiras palavras de Jesus, nesse relato, revelam que toda a sua missão decorre da sua relação filial com o Pai. Isto significa que sua missão redentora provém do próprio mistério de Deus e da realização de sua vontade entre os homens. Todavia, a missão de Jesus se concretiza dentro do mistério da Encarnação, no qual Jesus vai aprendendo, cotidianamente, a viver a vida humana na simplicidade, autenticidade e transparência!

A família retorna a Nazaré. "Nazaré é a escola do Evangelho para compreender a vida de Jesus. Nela, Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e do Povo. Aqui se aprendeu a olhar, a escutar, a meditar e penetrar o significado tão profundo e tão misterioso dessa manifestação tão simples, tão humilde e tão bela, do Filho de Deus" (São Paulo VI *apud* CNBB, 2009). Depois de 30 anos, Jesus deixa Nazaré para se dedicar a semear o reino da fraternidade e tornar-se um peregrino: *peregrino* do Reino!

Jesus realiza sua grande *peregrinação* missionária rumo à Jerusalém e à cruz (Lc 9,51 – 19,28). No caminho, ele é seguido pelos discípulos e por uma grande multidão. Enquanto caminha, resolutamente, respondendo à vontade do Pai, Jesus orienta seus discípulos sobre as condições do seguimento e interpela a multidão à conversão e à tomada de decisão diante dele e da oferta de salvação.

Discernir os sinais presentes na práxis de Jesus como manifestação do Reino de Deus é tarefa empenhativa e urgente, um paradigma de vida cristã e de missão apostólica. Portanto, a grande peregrinação de Jesus a Jerusalém, enquanto construção original de Lucas, torna-se um foco iluminador a partir do qual se pode entender como as demais partes de seu evangelho foram organizadas, além de revelar um pouco do seu propósito literário-teológico.

Antes da *saída* de Jesus da história humana com a ascensão aos céus (Lc 24,50-53), Lucas salienta a *peregrinação* de Jesus Ressuscitado indo ao encontro dos dois peregrinos de Emaús (Lc 24,13-35), os quais retornavam de Jerusalém decepcionados e desanimados, caminhando sem rumo e sem esperança! Jesus se aproxima, caminha com eles, iluminando-lhes a vida pela Palavra e devolvendo-lhes a esperança e a alegria com a experiência profunda de sua presença viva. Jesus Cristo continua a caminhar com a humanidade, solidarizando-se com seus problemas e suas lutas. Ele permanece presente no anúncio da Palavra das Escrituras e na Celebração da Eucaristia, na qual o pão repartido recorda o dom de sua vida e refontiza a partilha e a fraternidade, que estão no cerne de seu projeto.

Entre os testemunhos da *entrada* (Lc 1,5–2,51) e da *saída* (Lc 24,50-53) de Jesus da história humana, Lucas apresenta a missão histórica do Filho de Deus enviado aos *pequenos e pobres*, ou seja, a sua missão tem seu ponto de partida junto aos marginalizados

e excluídos da Galileia. Jesus, segundo a teologia de Lucas, testemunha o amor incondicional de Deus a *todos*, mas a partir das vítimas da injustiça, da opressão, da exclusão.

4 Jesus na Sinagoga de Nazaré: o Ano de Graça do Senhor

A promessa da salvação de Deus cumprida por Jesus na proposta evangelizadora de Lucas tem o seu ponto de partida em Nazaré, na Galileia, e seu ponto de chegada em Jerusalém: lugar do padecimento e da glorificação (Evangelho); lugar da manifestação do Espírito e do anúncio da Palavra (Atos dos Apóstolos). Nesse percurso, a pregação de Jesus na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-30) é fundamental para a compreensão da boa-nova e da missão libertadora de Jesus, cujos primeiros destinatários são os *pobres,* entendidos como representantes de todos os excluídos. Jesus proclama o Ano Jubilar: ano de graça e de esperança; de amor e redenção; de luz e salvação!

De fato, os pobres são pessoas carentes, econômica e socialmente excluídas, mas na obra de Lucas, a categoria dos pobres é muito abrangente e inclui doentes, mulheres, pecadores. Focalizando mais de perto o relato evangélico, descobrem-se também relações concretas entre a pobreza efetiva e a espiritual. A segunda está enraizada na primeira. A pobreza evangélica, em sua profundeza última, revela grande humildade, e, por conseguinte uma sincera abertura e confiança em Deus.

Fiel à tradição bíblico-cristã, Lucas inclui na categoria dos pobres aos quais Jesus se dirige: presos, cegos, oprimidos (Lc 4,18), estrangeiros (Lc 4,26-27), famintos, infelizes, odiados, rejeitados, insultados (Lc 6,20-22), coxos, leprosos, surdos e inclusive mortos (Lc 7,22). Jesus visa também aos pequenos (Lc 10,21) e aos humildes (Lc 14,11; 18,14) no meio dos quais ele mesmo nasceu. A todos – pequenos e pobres – Jesus anuncia o "Ano Jubilar". Ele dá preferência aos pobres e aos pequenos para que todos se sintam incluídos na oferta da salvação.

Lucas, homem de fé e sensível a esse desígnio divino, apresenta Jesus exortando os ricos e abastados à compaixão com os infelizes; ao desapego dos bens materiais, denunciando aqueles que geram a pobreza e a opressão e depondo-os de seus privilégios (Lc 6,24-26; 12,13-34; 16,19-31;19,1-10). Todos são interpelados à conversão, à reorientação da vida. A todos é anunciada a boa-nova da salvação.

A visita de Jesus a Nazaré (Lc 4,16-30) assinala, programaticamente, tudo o que acontecerá ao longo da obra lucana – Evangelho e Atos dos Apóstolos – bem como prenuncia temas específicos de Lucas: a unção do Messias-profeta, a evangelização dos pobres, o ano de graça do Senhor, o cumprimento das Escrituras, o anúncio da boa-nova aos estrangeiros e pagãos.

Lucas viu, no discurso programático de Jesus em Nazaré, o anúncio da boa-nova da salvação em favor dos pobres, isto é, daqueles que se encontram de alguma forma, privados do necessário, em especial: cativos, cegos, oprimidos, excluídos. E Jesus proclama a boa-nova de libertação dos pobres impulsionado pelo Espírito (Lc 4,18); não é um discurso demagógico, mas compromisso de fidelidade ao Pai e aos pobres, ainda que à custa da rejeição dos seus contemporâneos (Lc 4,16-30).

O anúncio do "Ano Jubilar" por Jesus, na Sinagoga de Nazaré, interpela-nos a uma tomada de posição diante da mensagem salvífica oferecida a todos e que se atualiza no *hoje* concreto de toda e qualquer realidade, a partir dos *pequenos e pobres*. Esse é o convite do Ano Santo Jubilar 2025, que nos chama não apenas para beber a esperança na graça de Deus, mas também a descobri-la nos *sinais dos tempos*, que o Senhor oferece. É necessário prestar atenção a tanto bem que existe no mundo e transformá-los em sinais de esperança! (Francisco, *Spes non confundit*, n. 7).

Na Sinagoga de Nazaré, num dia de sábado, Jesus faz a leitura de alguns trechos do profeta Isaías (Lc 4,16-21). Porém, essa narrativa surpreende pelas inexplicáveis reações dos ouvintes do anúncio desse evangelho, ou seja, essa "boa notícia" aos pobres. Uns aprovam e ficam admirados (Lc 4,22a). Outros têm dúvidas (Lc 4,22b-23). E há quem rejeita o projeto de salvação para os mais desamparados (Lc 4,23-30). O que é boa notícia para os pobres, certamente é má notícia para quem os explora. Essa é a razão por que se enfureceram, o expulsaram da sinagoga e queriam precipitá-lo do cimo da colina (Lc 4,28-29).

Ainda hoje, qualquer pessoa que assume a promoção dos mais pobres, ajudando-os a viver com dignidade, continua sendo caluniada e perseguida, e, às vezes injustamente condenada e presa. Tudo isso, a serviço dos donos do poder econômico e político.

Na Sinagoga de Nazaré, Jesus apresenta o projeto do reinado de Deus. No dia de sábado, era costume rezar alguns Salmos, ler e comentar uma passagem de algum livro da lei (Pentateuco) e outra de algum livro profético. Jesus escolhe alguns fragmentos do livro de Isaías para anunciar o coração do projeto de Deus: "O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu para evangelizar os pobres: enviou-me para proclamar a libertação aos presos (Is 61,1) e, aos cegos, a recuperação da vista (Is 35,5); para dar liberdade aos oprimidos (Is 58,6) e proclamar um ano de graça do Senhor" (Is 61,2).

4.1 "O Espírito do Senhor está sobre mim, pois ele me ungiu" (Lc 4,18a)

A missão libertadora de Jesus vem do Deus da vida, pois lhe é conferida pelo próprio Espírito do Senhor, por quem já fora ungido como o Messias por ocasião do seu batismo que é o sinal de sua adesão plena ao projeto do Pai (Lc 3,21-22).

Jesus aplica a si mesmo o texto de Isaías (61,1), pois embora não tivesse recebido nenhuma unção régia nem sacerdotal (Hb 7,14; 8,4), era ele o "ungido" no sentido simbólico: o profeta ungido com o Espírito! Os próprios discípulos e as comunidades cristãs viram em Jesus um profeta. Mas o agir profético de Jesus, embora evidente, não o qualifica como um profeta qualquer. "A sua vida de profeta escondia a sua realidade messiânica, mas ao mesmo tempo ela a revelava, pois mostrava de que modo Deus queria que fosse entendida a missão do Messias, e de que modo o próprio Deus queria ser compreendido pelos homens" (Comblin, 1987, p. 44).

Embora descendente legal de Davi, Jesus foi o Messias *inesperado*! Segundo Lucas (4,18-19), Jesus proclama que com ele se inicia o tempo da salvação, cumprindo as Escrituras. A missão proveniente da unção indica que Jesus, de fato, é o enviado de Deus. A função profética de Jesus nos escritos lucanos deve ser entendida como a do profeta escatológico, através do qual Deus derrama definitivamente seu Espírito "nos últimos dias" (At 2,17.33).

Na concepção de Lucas, Jesus atua como o porta-voz de Deus (Ex 4,15-16) que transmite a palavra divina com plena autoridade (Lc 4,32.43; 5,1; At 10,36). O modo de Jesus ser profeta ultrapassa o dos profetas que o precederam. Seu ministério profético é ministério de vida. Por isso, ele comunica a vida em plenitude para todos (Jo 10,10). "Como profeta Jesus foi para os pobres, pelas palavras e pelas obras, um anunciador da vida, a presença real e visível da esperança de libertação" (Comblin, 1987, p. 59).

Para os primeiros cristãos, portanto, em Jesus se realizou esta esperança da vinda do profeta. Eles não apenas leram a obra de Jesus como cumprimento da esperança de Israel, expressa nos textos proféticos, mas viram em Jesus aquele que o Senhor prometera e que Israel esperava.

4.2 "Para evangelizar os pobres, enviou-me" (Lc 4,18b)

No contexto do Terceiro Isaías (Is 56–66), entre os anos 537 e 520 a.C., o verbo *euangelizesthai,* de *euangelizo* (Taylor, 2000, p. 89-90), ou seja, "levar boas novas", "proclamar a boa notícia" aponta para a libertação dos pobres (Is 61,1-11) da sociedade de Sião marcada pela violência física, moral, jurídica e econômica. A avareza e a violência daqueles que detêm o poder geram as desigualdades sociais e o desânimo. A denúncia profética de Isaías interpela à observância do direito e à prática da justiça em vista da libertação integral. Para que esta se concretize deverá acontecer no país uma restauração em que triunfe a justiça nas relações entre os cidadãos e cessem as injustiças e opressões externas.

O que foi *anunciado* pelo Terceiro Isaías *se cumpre* em Jesus. O discurso-programa de Nazaré tem o seu centro no anúncio da boa-nova aos pobres. Boa-nova que é libertação e que exige justiça social. Neste episódio, Jesus se apresenta não só como libertador social que exige justiça, mas como libertador integral do ser humano, pois quebra as cadeias do pecado, fonte de toda desigualdade social (Casalegno, 2003, p. 107).

No evangelho de Lucas, como já acenamos, o *pobre* é alguém que tem uma situação econômica muito crítica e que sente vergonha e temor diante dos ricaços e eruditos da sociedade. Sentindo-se inferiorizado, ele se curva perante os poderosos. É a situação do oprimido perante os opressores (Lc 6,20; 7,22; 14,13.21; 16,20.22; 18,22; 19,8; 21,3). Face aos milhares de milhões de pobres, a quem muitas vezes falta o necessário para viver, corremos o risco de nos habituarmos e resignarmos. "Mas não podemos desviar o olhar de situações tão dramáticas, que se veem já por todo lado, e não apenas em certas zonas do mundo [...] Frequentemente, não têm uma habitação nem alimentação suficiente para o dia. Sofrem a exclusão e a indiferença de muitos" (Francisco, *Spes non confundit*, n. 15).

4.3 "Proclamar a libertação aos presos" (Lc 4,18c)

Desde os tempos apostólicos, a Igreja viu na libertação dos oprimidos um sinal do Reino de Deus. O próprio Jesus a proclamou na Sinagoga de Nazaré. "Os primeiros cristãos, mesmo em condições precárias, rezavam e assistiam os irmãos presos, como testemunham os Atos dos Apóstolos (At 12,5; 24,23) e diversos escritos dos Padres. Essa missão libertadora prolongou-se ao longo dos séculos por meio de ações concretas, especialmente quando o drama da escravidão e do cativeiro marcou sociedades inteiras" (Leão XIV, *Dilexit Te*, n. 59).

Proclamar a libertação aos presos, por um lado, é a libertação de quem sobrevive em condições subumanas nos presídios tais como celas com infiltrações, banheiros que não funcionam, ambientes mofados e superlotados, comida estragada, violência física, jejum forçado por longas horas, restrição à água – condições que bradam aos céus, e, onde a grande maioria está em consequência de uma sociedade desigual, injusta e de exclusão. Os "cativos" e "presos" indicam uma categoria sociopolítica.

No Judaísmo, a privação da liberdade pela prisão era uma condição esperada para os pobres que não podiam pagar suas dívidas e perdiam nos tribunais, apesar da lei proibir a exploração ou escravidão do israelita pobre (Lv 25,35-43). E, no tempo de Jesus, a maioria das pessoas que se encontrava nos presídios era por motivos políticos, dada a opressão e a violência do império romano.

O Ano Jubilar que estamos celebrando nos interpela, hoje, a sermos sinais palpáveis de esperança para muitos irmãos e irmãs privados de liberdade, que, além da dureza da reclusão, experimentam dia a dia o vazio afetivo, as restrições impostas e, em não poucos casos, a falta de respeito. O apelo provindo da Palavra de Deus nos alerta para iniciativas que ajudem os *presos* a recuperar a confiança em si mesmos e na sociedade bem como os

percursos de reinserção na comunidade; isso permanece com todo o seu valor sapiencial (Francisco, *Spes non confundit*, n. 10).

Por outro lado, a proposta de Jesus é a libertação integral de todas as formas de prisão, de tudo o que aprisiona o ser humano e o leva a guiar-se pelos vícios ou pelo egoísmo, pelo consumismo ou pela ganância, pelo ódio ou pela intolerância. O sonho de Jesus é vida e liberdade para todos.

4.4 Levar "aos cegos a recuperação da vista" (Lc 4,18d)

Observa-se que tal anúncio aparece entre as ações do Messias em favor dos marginalizados (Lc 4,18-19). Na narrativa da resposta de Jesus aos enviados do Batista (Lc 7,18-23), "a recuperação da vista" é mencionada entre os vários sinais de recuperação física que testemunham a identidade messiânica de Jesus. Os mensageiros de João não apenas ouvem Jesus falar de tais sinais, mas veem sua realização (Lc 7,21). Vê-se, com muita clareza, que a profecia de Isaías se cumpre em Jesus.

Também no relato da cura do cego de Jericó (Lc 18,35-43), por exemplo, nota-se que Jesus confirma, dessa forma, a espontânea proclamação de fé do pobre mendigo, apesar da oposição das pessoas. "Com sua palavra de autoridade, Jesus reconhece a fé genuína daquele homem não só como condição para a recuperação física, mas como início de salvação" (Fabris, 1992, p. 182). Jesus vai ao encontro do cego em sua situação concreta. Este chega à fé em Jesus, Messias e Salvador, partindo de sua cegueira que o exclui da vida social.

Portanto, levar "aos cegos a recuperação da vista" é mais que curar a cegueira física. É curar nossa "miopia" quando não conseguimos ver a realidade com as suas contradições e a enxergamos com os óculos das ideologias do sistema deste mundo. É curar nossa cegueira para vermos a vida com os nossos próprios olhos iluminados pelo olhar amoroso de Deus e agirmos como pessoas livres e autônomas, revelando o rosto misericordioso de Deus.

4.5 "Dar liberdade aos oprimidos" (Lc 4,18e)

Anunciar uma boa notícia aos pobres é dar liberdade aos oprimidos, seja diante da opressão social, mental, econômica, psicológica, política, afetiva ou religiosa. Hoje constatamos muitas formas de novas escravidões a que estão submetidos milhões de homens, mulheres, jovens e crianças.

Em todo o mundo e com muita frequência, *famílias* são obrigadas a deixar a sua terra à procura de outros lugares e novas formas de subsistência; *órfãos* que perderam os pais ou foram violentamente separados deles; *jovens* em busca duma realização profissional, e lutando com dificuldades; *vítimas* de tantas formas de violência, desde a prostituição à droga, e humilhadas no seu íntimo. Além disso, como não lembrar de tantas pessoas *sem abrigo* e *marginalizadas* que vagueiam pelas estradas das nossas cidades? (Francisco, 2019).

Em suma, dar a liberdade aos oprimidos hoje é um chamado à transformação, que envolve tanto a busca por uma liberdade espiritual em Cristo quanto a ação concreta e eficaz para a libertação das pessoas de todas as formas de cativeiro e opressão.

4.6 "Proclamar um Ano de Graça do Senhor" (Lc 4,19)

Jesus apropria-se das palavras do Profeta Isaías declarando em Si mesmo o cumprimento do "ano de graça do Senhor" (Lc 4,19), ou seja, a proclamação do Ano Jubilar que fazia parte da tradição do Antigo Israel. A partir dessa proclamação por Jesus, o conceito de perdão e redenção do jubileu judaico foi aplicado à redenção

cristã. A graça do perdão e da misericórdia foi e continua sendo abundantemente derramada sobre o Povo fiel de Deus.

Neste sentido, a proclamação do "ano de graça do Senhor" (Lc 4,19; Is 61,2a) tem, no evangelho de Lucas, uma conotação claramente social e econômica, além de seu enraizamento espiritual, a saber, o "ano favorável", o tempo oportuno em que Deus está disposto a perdoar seu povo (Vaz, 2005, p. 67).

A proclamação do "ano de graça do Senhor" reforça a dimensão social da atuação de Jesus. Com sua vinda, inicia o grande "Ano Jubilar" (Lv 25,10-13)! Jesus faz coincidir "ano de graça" com sua própria missão. O anúncio alegre que Jesus propõe aos seus ouvintes não é uma doutrina, nem simples mensagem, mas é *Ele* próprio. Jesus Cristo é a salvação e o caminho para consegui-la. A graça de Deus passa através de sua pessoa para todos os homens. Movido pelo Espírito, Jesus, ao proclamar um ano de graça do Senhor, anuncia vida plena que vai além do perdão das dívidas incluindo terra, moradia e liberdade para todos, especialmente para os pequenos e pobres.

Para o mundo que está cada vez mais imerso na tragédia da guerra, o "Ano Santo Jubilar" clama pela *paz* como sinal de esperança. A necessidade de paz interpela a todos. A humanidade deve empenhar-se em projetos que visem uma paz duradoura e a construção da fraternidade. 'Bem-aventurados os que trabalham pela paz, porque esses serão chamados filhos de Deus' (Mt 5,9) (Francisco, *Spes non confundit,* n. 8).

Recordemos também os *jovens* que tanto necessitam de sinais de esperança. Muitas vezes, infelizmente, veem desabar os seus sonhos. Não podemos decepcioná-los. Como é bonito ver os jovens alegres e entusiasmados se comprometendo nas situações críticas da sociedade. Devemos mantermo-nos próximos dos jovens e dos adolescentes. Eles são a alegria e a esperança da Igreja e do mundo! (Francisco, *Spes non confundit,* n. 12).

O discurso programático de Jesus é profundamente revolucionário. Todos os marginalizados constituem a essência dos cuidados de Jesus, desde o início de sua vida pública. "Anunciar a boa notícia aos pobres: proclamar a libertação aos presos, e, aos cegos a recuperação da vista, dar a liberdade aos oprimidos e proclamar o ano de graça do Senhor" são diferentes maneiras de descrever a libertação. Por isso, Jesus é esperança jubilar dos pequenos e dos pobres.

O anúncio da boa-notícia para os pobres (Lc 4,16-22) tem uma correlação com o tema do dom oferecido aos estrangeiros (Lc 4,25-27): a universalidade da salvação. Os *pobres* representam todos os excluídos; eles simbolizam todos os que não pertencem ao povo escolhido. É à luz desse fato que se deve compreender a pregação de Jesus. Ela se torna "boa-nova" e "esperança" para os pequenos e os pobres à medida que são libertados de sua situação de miséria e opressão. Lucas vê neste anúncio da boa-nova para os pobres a expressão do anúncio da universalidade da salvação. Por isso, a boa-nova trazida por Jesus é uma profecia: a vinda do Reino de Deus para os pequenos e os pobres! (Lc 6,20) Reino que se inicia aqui e agora!

4.7 "Hoje está cumprida esta escritura nos vossos ouvidos" (Lc 4,21)

"Hoje está cumprida esta escritura nos vossos ouvidos" (Lc 4,21). Certamente, essa foi uma declaração extremamente ousada para os ouvintes. Jesus proclama que ele está aqui para tornar realidade a espera dos pobres. Na Palestina do séc. I, os pobres se identificam com os cegos, os surdos, os coxos, os leprosos. Esse realismo corporal ajuda a entender a situação social da categoria dos pobres do evangelho. Eles não são pobres apenas no sentido econômico, mas são, também, marginalizados da sociedade de sua época.

Nesse grupo de pobres, que eram mendigos, incluem-se os doentes e aleijados, as viúvas e os órfãos. Existiam também os camponeses que trabalhavam a terra, os operários diaristas não qualificados – quase sempre desempregados e também os escravos. O principal sofrimento desses pobres não era tanto a privação e a fome absolutas, mas a vergonha e o desprezo. Eles dependiam da misericórdia dos outros para sobreviverem. Para um oriental, isso era uma humilhação terrível.

Também os chamados "pecadores públicos" podem ser incluídos na categoria dos pobres, aqueles cujas profissões eram consideradas pecaminosas ou impuras: prostitutas, coletores de impostos (publicanos), ladrões, pastores e usurários. Eram mal vistos pelos que observavam a lei e não tinham como se libertar dessa situação cativa. Carregavam o sentimento de frustração, culpa e ansiedade, terrivelmente acrescido do pensamento de que estavam recebendo um castigo divino devido a seus pecados ou de alguém da família. Esse grupo não podia participar da sinagoga. Este era o mundo dos pobres e oprimidos do tempo de Jesus: a avassaladora maioria da população da Palestina – as multidões dos evangelhos. "Hoje eles seriam chamados oprimidos, *marginais* ou miseráveis da terra – as pessoas que não contam" (Nolan, 1987, p. 39-47), os descartáveis, os vulneráveis.

O Ano Jubilar nos faz recordar os *doentes.* Visitá-los e acolhê-los, com carinho, são obras de esperança que despertam nos corações sentimentos de gratidão. Lembremo-nos também dos *migrantes* "que deixam a sua terra à procura duma vida melhor para si próprios e suas famílias. Ressoe nos corações a Palavra do Senhor: 'Eu era estrangeiro e acolhestes-me', porque sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes' (Mt 25,35.40)". E que os sinais de esperança cheguem também aos *idosos,* os quais, muitas vezes sentem solidão e experimentam o abandono. A comunidade cristã e a sociedade civil são chamadas a valorizar a experiência de vida e a sabedoria deles. (Francisco*, Spes non confundit,* n. 11, 13 e 14).

"Hoje está cumprida esta escritura nos vossos ouvidos" (Lc 4,21). O verbo *cumprir*, em grego, *plerún,* pode significar "realizar" ou "tornar pleno". Neste contexto, Jesus não só proclama a realização da profecia, mas a torna realidade, fazendo-a alcançar uma perfeição radical e levando-a a plenitude. O cumprimento da Palavra chegou! Deus promete, Deus cumpre! Não muda seus projetos; leva-os a cumprimento. Deus é eterno presente. Eis chegada a plenitude dos tempos e inaugurada a era da salvação por Cristo! Jesus apresenta a sua vinda como o advento da era de graça anunciada por Isaías. Ele é o Messias enviado aos pobres!

O que move Jesus? O que o torna diferente? O que o leva a misturar-se com os mendigos e pecadores? A atitude de Jesus fundamenta-se em sua experiência profunda de Deus e não numa análise sociológica. Ele sabe que o Pai ama a todos incondicionalmente e coloca-se ao lado do pobre e do injustiçado para defendê-lo.

A defesa e a preferência de Deus pelo pobre é uma questão de igualdade, pois, Deus não criou ninguém superior ou inferior ao outro. "Deus não opta pelos pobres pelo fato de serem pobres (material e/ou economicamente), mas, sim 'injustiçados'" (Vigil, 2007, p. 23). É exatamente para revelar a face verdadeira de Deus que não faz distinção de pessoas, que Jesus escolhe os pobres, os não-amados. Prega, a partir deles. Trata-se de uma escolha teológica.

Na força do Espírito, que faz irromper o novo, Jesus é movido por uma compaixão sem limites pelos últimos da sociedade (Mc 1,41; 6,34; Mt 14,14; 20,34; Lc 7,13; 17,13-14). Por isso, o discurso de Nazaré tem a força de fascinar os olhares, tocar os ouvidos e sensibilizar os corações. E mais ainda: a força da transformação que ocorrerá com a práxis de Jesus. Grande parte da atividade de Jesus e do impacto que exerceu sobre as pessoas permaneceria incompreensível se ele não tivesse sido profundamente movido pelo sentimento de compaixão pelos pequenos, pobres e oprimidos.

A *compaixão* de Jesus aponta para a compreensão de um sentimento eminentemente humano de uma íntima participação, do colocar-se no lugar do outro, do compartilhar (Lc 7,13; 10,33) (Retamales, 2005, p. 35); refere-se ao amor materno, ao colo da mãe. O modo de Jesus amar é como o do amor-ternura das mães. E esta característica acena para a dimensão feminina do Espírito que consola, exorta e ensina como fazem as mães junto a seus filhinhos (Jo 14,26; 16,13) (Boff, 1989, p. 146). Este carinho que vem de dentro impulsiona para ações concretas de misericórdia. Jesus assume a solidariedade da compaixão e da misericórdia; solidariedade que contradiz, hoje, a lógica da eficácia e da lei da competitividade excludente.

Na Sinagoga de Nazaré, a expressão: "Hoje está cumprida esta escritura nos vossos ouvidos" evidencia que Jesus, após se apropriar da mensagem da Escritura para o hoje de sua geração, devolve a ação aos seus ouvintes. As palavras de Jesus tornam-se incômodas para seus ouvintes, já que o *hoje* da libertação tinha um claro beneficiário: *os pequenos* e *os pobres*.

O hoje da salvação perpassa o evangelho (Lc 2,11; 3,22; 5,26; 19,9; 23,43) e atinge os homens e as mulheres, os pobres, oprimidos e excluídos de todos os tempos e lugares. Onde quer que exista uma comunidade cristã, ela é convocada a apropriar-se da mesma preferência de Jesus: os pequenos e pobres! Caso contrário, não conseguirá revelar o Deus de Jesus. Nesta missão, a comunidade dos discípulos conta com o Espírito Santo de Deus prometido pelo Pai para o seu Messias (Is 11,2; 42,1; 61,1-3; Mq 3,8) e derramado pelo próprio Jesus em todos os corações (Lc 24,49; At 2,33) fazendo de quem o acolhe uma "criatura nova".

Quem opta pelos pobres poderá ter a mesma sorte do Mestre: a cruz! Mas Ele já preveniu a quem quer segui-lo: "O servo não é maior do que seu senhor, e o enviado não é maior do que aquele que o enviou" (Jo 13,16).

5 A mensagem de salvação e os estrangeiros

Na Sinagoga de Nazaré, Jesus recorda aos seus ouvintes que nos dias de Elias e de Eliseu, a mensagem de salvação foi enviada e acolhida também pelos estrangeiros: a viúva em Sarepta da Sidônia e Naamã, o chefe do exército sírio. Ao evocar os episódios de Elias e de Eliseu, Lucas deixa entrever a missão profética de Jesus em âmbito universal. Jesus é o *ungido* e o *enviado* de Deus para levar a boa-nova da salvação a todos os povos.

Como nos recorda o Papa Leão XIV:

> A opção preferencial de Deus pelos pobres nunca diz respeito a um exclusivismo ou a uma discriminação em relação a outros grupos, que em Deus seria impossível; ela pretende sublinhar o agir de Deus que, por compaixão se dirige à pobreza e à fraqueza da humanidade inteira e que, querendo inaugurar um Reino de justiça, fraternidade e solidariedade, tem particularmente a peito aqueles que são discriminados e oprimidos, pedindo-nos também a nós, sua Igreja, uma decidida e radical posição em favor dos mais fracos (Leão XIV, *Dilexit Te*, n. 16).

Na Sinagoga de Nazaré, os ouvintes de Jesus passam da admiração (Lc 4,22) à indignação (Lc 4,28), sem explicar o motivo do fechamento de Israel à boa-nova. Há uma tentativa dos presentes de matar Jesus. Contudo, "Jesus passa no meio deles e prossegue o seu caminho" (Lc 4,30). Lucas destaca a atitude autônoma e resoluta de Jesus, que permanece intocado pelo tumulto. Esta serenidade de Jesus aponta para sua soberania, a liberdade interior que o torna tranquilo e capaz de afrontar seus adversários (Jo 8,59; 10,31.39), e, prosseguir a missão confiada pelo Pai, no Espírito (Lc 3,21-22; 4,18-19; Is 61,1-2).

O discurso de Nazaré é o programa que apresenta a pessoa de Jesus e vislumbra sua missão. A comunidade cristã é convocada a apropriar-se de tal *programa*, dando preferência aos pobres e pequeninos, fazendo chegar a *todos* o anúncio da boa-nova. Em sua desafiadora tarefa de participar da missão profética de Cristo, cada cristão conta com a presença e o impulso do Espírito: o mesmo que ungiu e acompanhou Jesus na concretização da boa-nova, iniciando o Reino de Deus a partir dos pobres; o mesmo que ungiu Isaías, mensageiro do Senhor para proclamar a boa-nova aos empobrecidos, fazendo acontecer a restauração da aliança; o mesmo que pairava sobre as águas, no início da criação (Gn 1,2).

> Para nós, cristãos, a questão dos pobres remete-nos à essência da nossa fé. [...] os pobres não são uma categoria sociológica, mas a própria carne de Cristo. Com efeito, não basta limitar-se a enunciar de modo genérico a doutrina da encarnação de Deus. Para entrar verdadeiramente neste mistério, é preciso especificar que o Senhor se faz carne, que tem fome e sede, que está doente e na prisão. [...] O coração da Igreja, por sua própria natureza, é solidário com os pobres, excluídos e marginalizados, com todos aqueles que são considerados 'descartáveis' pela sociedade (Leão XIV, *Dilexit Te*, n. 110-111).

Na época de Jesus, vários grupos (fariseus, essênios, zelotas, sacerdotes) apresentavam projetos que revelavam a expectativa da vinda do Reino de Deus. Nenhum deles, porém, incluíam os pobres, os doentes, os marginalizados. O projeto de Jesus, apresentado por Lucas, destaca o evangelho como anúncio da inversão dos valores humanos: humildes são exaltados (Lc 1,48.52.53) e orgulhosos são abatidos (Lc 1,51.52a.53b); pobres, famintos e aflitos são bem-aventurados (Lc 6,20-22) e ricos são interpelados à conversão (Lc 6,24-26). A abundância de bens não constitui o valor da vida (Lc 12,15) e vã é a posse das coisas deste mundo se não se descobre que Deus é a verdadeira riqueza (Algisi, 1972, p. 285).

O alerta de Lucas continua válido, hoje, para as comunidades cristãs que convivem com os contra-valores advindos do "império" neoliberal e da globalização econômica. "Cada cristão e cada comunidade devem discernir o caminho que o Senhor aponta, mas todos nós somos chamados a obedecer ao seu chamado para sair da nossa zona de conforto a fim de alcançar todas as 'periferias' que precisam da luz do Evangelho", adverte-nos o Papa Francisco (*Evangelii Gaudium*, n. 20). "Se sairmos de nós mesmos, encontramos a pobreza [...]. Devemos nos tornar cristãos corajosos e ir à procura justamente daqueles que são a carne de Cristo!" (Francisco, 2014, p. 79-80).

Ao anunciar a boa-nova do Reino, Jesus traz esperança aos pobres. Ele é a fonte e a razão da esperança. O hoje da salvação, proclamado na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,21), é o coração da esperança em Jesus. Com Jesus, a esperança assume um duplo aspecto: aquilo que *já* se realizou e aquilo que *ainda não* se realizou plenamente (1Jo 3,2). A esperança é um dom do Pai que se fundamenta na sua graça ofertada plenamente no Filho (Piazza, 2004, p. 90).

Na Sinagoga de Nazaré, Jesus experimenta a rejeição e o atentado à sua vida por parte de seus conterrâneos (Lc 4,29). É o aceno à cruz, à entrega definitiva ao Pai. Até lá, toda a sua vida é animada por profunda confiança em Deus. Ele jamais volta atrás em sua opção de fidelidade à vontade do Pai e doação aos outros. Seu encontro com as pessoas é sempre pleno de amor e de esperança. Até o homem crucificado ao seu lado recebe uma palavra de esperança (Lc 23,43), porque Jesus esperou em Deus até o extremo. "Jesus tomou sobre si o risco de proclamar a vinda do Reino a partir da fragilidade da cruz" (Piazza, 2004, p. 92). Dessa maneira, permitiu a Deus realizar a promessa da salvação de modo totalmente novo (Fl 2,9). Da morte e ressurreição de

Jesus nasce a esperança para a humanidade: a reconciliação com Deus estabelecendo a paz pelo sangue derramado na cruz (Cl 1,20).

O Espírito continua derramando em nossos corações o amor de Deus (Rm 5,5), fazendo brotar a esperança que nasce da fé em Jesus e impulsiona-nos a um compromisso de solidariedade com todo ser humano, especialmente com os mais pequenos e pobres. "Ao compromisso concreto com os pobres ocorre associar também uma mudança de mentalidades que tenha incidências culturais" (Leão XIV, *Dilexit Te*, n. 11). Persiste – por vezes bem disfarçada – uma cultura do descarte que tolera, com indiferença, que milhões de pessoas morram de fome ou sobrevivam em condições indignas do ser humano.

A opção pelos pobres leva-nos à opção pela esperança. Ao fazê-la, tenhamos presente a importância dos gestos, por menores e mais simples que sejam. São os gestos que alimentam a esperança e o amor, as convicções mais profundas, como nos exorta o Papa Leão XIV, ao concluir sua primeira Exortação Apostólica *Dilexit Te* sobre o Amor para com os Pobres:

> Permanecer no mundo das ideias e das discussões, sem gestos pessoais, frequentes e sinceros, será a ruína dos nossos sonhos mais preciosos [...] será sempre melhor fazer alguma coisa do que não fazer nada. [...] O amor cristão supera todas as barreiras, aproxima os que estão distantes, une os estranhos, torna familiares os inimigos, atravessa abismos humanamente insuperáveis, entra nos meandros mais recônditos da sociedade. Por sua natureza, o amor cristão é profético, realiza milagres, não tem limites: é para o impossível. O amor é sobretudo uma forma de conceber a vida, um modo de a viver. Assim, uma Igreja que não coloca limites ao amor, que não conhece inimigos a combater, mas apenas homens e mulheres a amar, é a Igreja de que o mundo hoje precisa (Leão XIV, *Dilexit Te*, n. 119/120).

A Igreja, sábia e materna, conhece a carência amorosa de seus filhos e filhas, e, exorta-nos à fraternidade universal – única forma de o Evangelho tornar-se credível.

6 Nas fontes da fé e da esperança: o encontro vivo e pessoal com Jesus Cristo

Em sua "peregrinação missionária" (Lc 9,51–19,28), Jesus foi muito claro no anúncio e na vivência do evangelho. Sua opção preferencial pelos pequenos e pobres não deixou espaço para dúvidas ou equívocos: a boa-nova do Reino anunciado por Jesus é um programa de esperança e vida em abundância para todas as pessoas, sem exceção, mas que começa a partir dos pequenos e pobres (Lc 4,18-19). No entanto, muitos discípulos de Jesus, hoje, insistem em caminhar na contramão do que Jesus anunciou e viveu. Existem também aqueles que afirmam uma opção preferencial pelos pobres que não ultrapassa a mera opção epistemológica, sem implicações pastorais.

Esse tipo de seguimento carece de sentido. Nesse caso, não podemos afirmar a existência de um discipulado autêntico. Contudo, existem homens e mulheres, hoje, que vivem o amor aos pobres por causa de sua fé. São verdadeiros profetas e profetisas que entregam suas vidas em favor dos pequenos e dos pobres. Realizando verdadeiras peregrinações interiores, encontram-se com Jesus e descobrem o segredo que lhes proporciona o sustento e a força, a luz e a inspiração para permanecerem fiéis, transparentes e perseverantes em tamanho empreendimento.

O segredo de Jesus para vivenciar, com autenticidade, sua missão redentora está na sua profunda busca de silêncio e solidão para conectar-se com seu *Abbá,* o Paizinho querido com quem cultivava uma intimidade comovedora até às entranhas. O próprio

Jesus afirmava: "O meu alimento é fazer a vontade do Pai" (Jo 4,34). Realizar a vontade de Deus era mais importante, para Jesus, do que qualquer necessidade física, como comer, por exemplo. E essa necessidade vital e de comunhão plena entre Deus Pai e Jesus acontecia, com frequência, com a simplicidade e ternura, até então, inauditas por algum judeu.

Antes de iniciar sua vida pública, Jesus foi para o deserto onde se retirou por quarenta dias e quarenta noites, numa relação de confiança e amor a Deus, na escuta profunda de sua vontade, de seu plano de amor com a humanidade (Lc 4,1-13). O evangelista Lucas nos apresenta as mais diversas circunstâncias, em que Jesus se retira para lugares desertos e silenciosos, longe da multidão, para colocar-se em diálogo orante com o seu Pai (Lc 3,21-22; 5,15-16; 6,12; 9,18; 9,28-36; 10,21-24; 11,1-13; 22,39-46; 23,46) bem como o apresenta ensinando e exortando os discípulos à oração perseverante e o reconhecimento da própria pequenez (Lc 18,1-8; 18,9-14).

Assim sendo, todos os discípulos e discípulas que seguem Jesus, de verdade, procuram acompanha-lo até o "deserto", ou seja, não há outra forma de entrarmos no espírito do caminho de Jesus a não ser criando um certo espaço na nossa vida que dê lugar ao silêncio e à solidão, realizando uma verdadeira peregrinação interior, que é a solicitude para dispor-nos a um encontro vivo e pessoal com Jesus, o Cristo. Tal encontro só se torna possível na abertura ao Espírito que já derramou em nossos corações o amor de Deus Pai (Rm 5,5). Somente uma experiência pessoal de Deus é capaz de sustentar uma "opção preferencial pelos pequenos e pobres", na liberdade e na gratuidade. "Aliás, a nossa relação com Deus é, sobretudo, experimentada na nossa atitude para com as pessoas" (Nolan, 2008, p. 141).

Encontrar Jesus Cristo nas páginas do evangelho, contemplar seus gestos e atitudes é beber na fonte da fé e da esperança. Entrar num diálogo sincero e amoroso com o Senhor Jesus nos conduz ao encontro vivo e pessoal com o próprio Deus. "O Deus vivo é, verdadeiramente, o 'Deus da esperança**'** (Rm 15,13), que em Cristo, pela sua morte e ressurreição, se tornou a 'nossa esperança' (1Tm 1,1). Não podemos esquecer que fomos salvos nesta esperança, na qual precisamos permanecer enraizados" (Leão XIV, 2025).

Vivemos numa cultura em que "a verdade" é determinada pelas estatísticas, por aquilo que impressiona e seja espetacular. Custa-nos acreditar que o nosso Deus assumiu a carne humana de uma criancinha, fazendo-se servo da humanidade e que foi morto como um criminoso comum. Temos dificuldade de entrarmos na lógica de Deus. Por isso, "o verdadeiro desafio que nos é proposto é regressar ao centro, ao coração, e encontrar aí a voz suave que nos fala e nos confirma de uma forma que nenhuma voz humana alguma vez poderia fazê-lo" (Nouwen, 2012, p. 54). Em Cristo recebemos uma nova liberdade, pela qual experimentamos o amor original e libertador do próprio Deus, já presente em nossos corações. Essa transformação interior não é fácil, mas não é impossível: "requer-se uma disciplina séria e perseverante de solidão, silêncio e oração" (Nouwen, 2012, p. 56). E o resultado, certamente, será a luz interior que nos ilumina e nos permite ser testemunhas autênticas do amor de Deus e da "vida nova" em Cristo que, por sua morte e ressurreição, nos convida a fazer morrer em nós, todo egoísmo e ressuscitarmos para o amor e o serviço aos irmãos, especialmente os mais pequenos e pobres.

> Sim, a ressurreição de Jesus é o fundamento da nossa esperança. A partir deste acontecimento, a esperança não é mais uma ilusão. Não. Graças a Cristo crucificado e ressuscitado, a esperança não decepciona! *Spes non confundit!* (Rm 5,5)! E não é uma esperança escapista, mas comprometida. Não é alienante, mas responsabilizadora. [...]

> Cristo ressuscitou! Nesse anúncio está contido todo o sentido da nossa existência, que não é feita para a morte, mas para a vida (Francisco, 2025, p. 152).

Fomos criados para a vida e não para a morte. A ressurreição de Jesus Cristo – fundamento da fé cristã – sustenta a esperança do encontro amoroso e definitivo com Deus Pai e não o vazio. Depois da ressurreição, seremos transfigurados, imersos na luz de Deus, numa eternidade feliz.

7 Considerações finais

No horizonte do Ano Jubilar, palmilhamos um percurso de fé e de esperança. O primeiro passo deteve-se no tema da "Esperança cristã: mensagem central do Ano Santo Jubilar". Celebrar o Jubileu da Encarnação nos possibilitou recordar o esvaziamento de Cristo (Fl 2,6-11) e propor-nos uma "peregrinação interior" de transformação pessoal e uma "peregrinação exterior" de amorização de nossas relações vitais para a vida de fé, pois ao afastar-nos de nossa rotina diária e visitarmos lugares sagrados, dispomo-nos para o encontro mais profundo com o próprio Deus. E, nesse encontro, o Espírito nos predispôs a escutar o próprio coração e o do outro que nos interpela, especialmente os mais pequenos e pobres, e deu-nos um novo olhar para a realidade que se vislumbra diante de nós!

O passo seguinte discorreu sobre as diversas peregrinações de Jesus no evangelho de Lucas e focalizou "Jesus, Palavra Viva" a comunicar-nos o amor misericordioso de Deus em cada acontecimento evangélico. A boa-nova anunciada por Jesus exprime *esperança,* de modo especial, para os pequenos e pobres de todo tipo. Com Jesus, a vida dos pobres é transformada. Com suas ações messiânicas, Jesus sinaliza a presença efetiva do Reino: evangeliza pobres, cura doentes, reintegra marginalizados, perdoa pecadores, possibilita às pessoas a readquirirem a dignidade e o sentido da vida. Por isso, Jesus se torna "esperança dos pequenos e dos pobres".

O terceiro passo desse artigo buscou aprofundar o significado do "Ano de Graça do Senhor" proclamado por Jesus na Sinagoga de Nazaré. Diante de tal anúncio, somos interpelados a uma tomada de posição: a mensagem salvífica é oferecida a todos, mas é anunciada a partir dos pequenos e dos pobres. A esperança que brota da fé em Jesus desafia o cristão a lutar por um mundo mais humano, em que haja espaço para a justiça e a solidariedade, especialmente com os mais pobres, oprimidos e excluídos. É preciso fazer *opção pela esperança*: assumir o presente do mundo, da Igreja, do próprio ser, em sua realidade, sofrendo-o naquilo que ainda não é e transformando-o no quanto possível.

"A mensagem de salvação e os estrangeiros" constituiu o quarto passo. Jesus é o *ungido* e o *enviado* de Deus para levar a boa-nova da salvação a todos os povos. A Igreja deve *sair* de si mesma para as periferias existenciais a fim de que todos recebam o *chamado* para a salvação.

O quinto e último passo desse percurso procurou evidenciar que, hoje, existem homens e mulheres que são verdadeiros profetas e profetisas que doam suas vidas em favor dos pequenos e dos pobres. E que realizam verdadeiras "peregrinações interiores" para beberem nas fontes da fé e da esperança, o verdadeiro amor de Deus Pai, encarnado no Cristo vivo e ressuscitado.

A esperança que nasce da fé na morte e ressurreição de Jesus, o Crucificado-Ressuscitado, é uma esperança incompreensível para a racionalidade dominante, para a lógica do poder, porém não é uma esperança irracional; possui uma "racionalidade", uma razão de ser, uma lógica diferente. É fundamental, pois, "dar a razão de nossa esperança" (1Pd 3,15) (Sung, 2005, p. 28).

Somente a experiência do verdadeiro amor de uma vida doada como a de Jesus pode sustentar a esperança por consolidar a fé na promessa de uma vida plena e na superação da morte. Jesus, o Messias pobre, continua de braços abertos para acolher a todos os homens e mulheres, pequenos e pobres que O buscam, de coração sincero, e O reconhecem na pessoa do irmão, pois Ele é a "esperança jubilar" não só dos pequenos e dos pobres, mas de toda a humanidade!

Referências

ALGISI, Leone O Evangelho de são Lucas. *In:* BALLARINI, Teodorico (Dir.); VIRGULIN, Stefano; LYONNET, Stanislas. (dir.). *Introdução à Bíblia:* com antologia exegética. Petrópolis: Vozes, 1972. Vol. IV: Os Evangelhos, p. 237-293.

AUGUSTA, Maria de Lourdes. *Jesus na Sinagoga de Nazaré:* opção pelos pobres. 3. ed. Belo Horizonte: O Lutador, 2014.

BOFF, Leonardo. *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

CASALEGNO, Alberto. *Lucas, a caminho com Jesus Missionário:* introdução ao terceiro evangelho e à sua teologia. São Paulo: Loyola, 2003.

COMBLIN, José. Jesus Profeta. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 4, p. 41-59, 1987.

CNBB. Nazaré, escola do Evangelho. *CNBB,* Brasília, 27 dez. 2009. Disponível em: https://www.cnbb.org.br/nazare-escola-do-evangelho/. Acesso em: 17 de nov. de 2025.

FABRIS, Rinaldo. O Evangelho de Lucas: tradução e comentários. *In:* FABRIS, Rinaldo; MAGGIONI, Bruno. (org.). *Os Evangelhos.* São Paulo: Loyola, 1992. v. 2, p. 9-247.

FRANCISCO. *A Igreja da Misericórdia*: minha visão para a Igreja. São Paulo: Paralela, 2014.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Santo Padre Francisco ao episcopado, ao clero às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do evangelho no mundo actual. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 17 de nov. de 2025.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Dilexit Nos* do Santo Padre Francisco sobre o amor humano e divino do coração de Jesus. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.pdf. Acesso em: 17 de nov. de 2025.

FRANCISCO. *Jesus Cristo, nossa esperança:* a esperança cristã e o sentido da vida. São Paulo: Paulus, 2025.

FRANCISCO. Mensagem do Santo Padre Francisco para o III Dia Mundial dos Pobres, XXXIII Domingo do tempo comum (17 de novembro de 2019), "A esperança dos pobres jamais se frustrará". *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html. Acesso em: 17 de nov. de 2025.

FRANCISCO. *Spes non confundit*: Bula de Proclamação do Jubileu Ordinário do Ano 2025. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-giubileo2025.html. Acesso em: 17 nov. 2025.

LEÃO XIV. Exortação Apostólica *Dilexit te:* sobre o amor para com os pobres. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/apost_exhortations/documents/20251004-dilexi-te.html. Acesso em: 17 nov. 2025.

LEÃO XIV. Mensagem do Santo Padre Leão XIV para o IX Dia Mundial dos Pobres: XXXIII Domingo do Tempo Comum, 16 de novembro de 2025. *A Santa Sé,* Cidade do Vaticano, 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/poor/documents/20250613-messaggio-giornata-poveri.html. Acesso em: 17 de nov. de 2025.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo.* São Paulo: Paulinas, 1987.

NOLAN, Albert. *Jesus Hoje:* uma espiritualidade de liberdade radical. São Paulo: Paulinas, 2008.

NOUWEN, Henri Jozef Machiel. *O esvaziamento de Cristo:* movimento descendente e vida espiritual. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

PIAZZA, Orazio Francesco. *A esperança:* lógica do impossível. São Paulo: Paulinas, 2004.

RETAMALES, Santiago Silva. *Discípulo de Jesus e Discipulado segundo a obra de são Lucas.* São Paulo: Paulus, 2005.

SUNG, Jung Mo. *Sementes de esperança*: a fé em um mundo em crise. Petrópolis: Vozes, 2005.

TAYLOR, William Carey. *Dicionário do Novo Testamento Grego:* Vocabulário Grego-Português. São Paulo: Batista Regular, 2000.

VAZ, Eurides Divino. *A visita de Jesus a Nazaré:* a perícope e o seu caráter programático para o Evangelho de Lucas, como fazer um estudo exegético a partir de Lucas 4,16-30. Goiânia: GEV, 2005.

VIGIL, José Maria (org.). *Descer da Cruz os Pobres:* Cristologia da Libertação. São Paulo: Paulinas, 2007.

Estudos Bíblicos

OPEN ACCESS

Distribuído sob Creative Commons
CC-BY 4.0
© 2025 aos autores.
Publicado e Distribuído por ABIB

Revista Oficial da ABIB –
Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica